REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

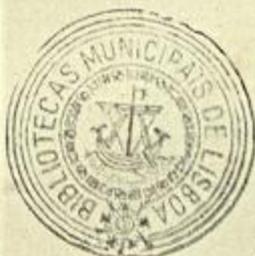
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 401

11 DE FEVEREIRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ AUGUSTA DA ALLEMANHA

FALLECIDA EM 7 DE JANEIRO DE 1890

CHRONICA OCCIDENTAL

Entrado na sua phase practica e trabalhadora prosegue em todo o paiz o grande e santo movimento patriotico; a commissão eleita para tratar da grande subscripção trabalha, o que é um facto excepcional na vida das commissões, não só em Portugal mas em toda a parte, e trabalha activamente,; cada um de per si concorre na medida das suas forças e das suas posses para que essa subscripção tenha o resultado que deve ter, e todos com um grande bom senso e um bello interesse patriotico dão de mão ás machinações muito imbecilmente mascaradas dos especuladores,que tentam pescar nas aguas turvas e explorar ignobilmente para os seus fins a expontaneidade e a nobreza d'este grande e bello sentimento patriotico, que a affronta ingleza accordou na alma nacional.

Toda a nação tem repellido com nojo esses especuladores, que foram logo bem conhecidos, e o movimento patriotico continua imponente, serio, e enthusiasta, não affrouxando um só momento, não se desmandando nunca e mostrando que todo o paiz tem a comprehensão nitida e perfeita do periodo historico gravissimo que atravessamos e da necessidade impreterivel de todos se unirem, de enxotarem para longe n'este momento solemne da vida portugueza, todas as preoccupações que não sejam as da restauração das forças nacionaes, da reorganisação do nossso paiz de modo a não estar mais á mercê da insolencia brutal de qualquer nação forte e pouco escruplosa, que nos queira roubar ou humilhar, e de poder um dia desforrar-se das humilhações recebidas.

No Porto a indignação geral contra o procedimento do governo inglez, foi agravada ainda pela insolencia d'uma carta que um inglez residente no Porto e que alli fez a sua fortuna, publicou no *Times* injuriando o nosso paiz.

Essa indignação, porém, não sahiu dos limites da ordem, e no meio da effervescencia da sua colera justissima o povo comprehendeu que qualquer violencia podia servir justamente os interesses da Inglaterra, fornecer-lhe um pretexto que por ventura essa carta mesmo proccurasse, como muito bem aconselhou e lembrou o illustre professor Joaquim de Vasconcellos n'uma carta dirigida á redacção da *Provincia* e que dava o grito d'alerta ao povo contra *os agentes provocadores*, que lhe lançavam a luva precisamente para provocar desordens e disturbios que complicariam seria e gravemente a questão internacional.

A nação tem mostrado conhecer bem, não só os seus direitos e os seus deveres, como tambem conhecer perfeitamente os especuladores que querem explorar em proveito proprio este grande movimento expontaneo e santo de patriotismo, e honra lhe seja por isso.

Em Lisboa o publico castigou severamente, mas justamente uma especulação commercial que um theatro quiz fazer com os sentimentos patrioticos.

Essa especulação não era perigosa, visava apenas a ganhar uns dinheiros, a grangear umas enchentes com uma pantomima allusiva á questão do Chire e do Nyassa, mas o publico indignou-se com a especulação mercantil que se queria fazer com o enthusiasmo patriotico, que anima todo o paiz, e fez um tumulto enorme no Colyseu, onde a pantomima se representava, quebrando cadeiras, partindo vidros fazendo pagar caro com os prejuizos causados os lucros a que a empreza visava.

Já depois de feita esta chronica a empreza dirigiu uma carta muito correcta aos jornaes explicando o seu procedimento.

N'essa mesma noute em que houve o tumulto no Colyseu deram-se tambem no theatro de S. Carlos scenas tumultuosas, menos importantes decerto, mas como ha muitos annos não havia n'aquelle theatro.

O tumulto de S. Carlos não teve porem nenhuma significação politica; e foi originado unicamente por questões theatraes.

A empreza de S. Carlos não tem infelizmente correspondido ao que se esperava d'ella, e amontoando desacertos sobre desacertos, tem feito uma das mais desgraçadas epocas lyricas de que ha memoria n'estes ultimos tempos.

Companhia deficientissima, reportorio mal escolhido, operas mal ensaiadas, postas em scena a trouxemouche com uma grande avidez de dar muitas operas novas, tem cançado extraordinariamente a paciencia do publico.

Essas operas ensaiadas atabalhoadamente, destribuidas a torto e a direito a artistas inconpetentes para ellas, tem cahido quasi todas como não podia deixar de ser, e d'um numero enorme de operas que n'estes trez mezes a empreza de S. Carlos tem dado, só duas ou trez não foram por agua abaixo e tem conseguido chamar alguem ao theatro — o *Othello*, a *Gioconda*, o *Propheta*, isto é, as operas em que entra a Tetrazini cujo poderoso talento tem grande imperio sob o publico e o subjuga e enthusiasma.

Ora o publico de S. Carlos está cançadissimo de ouvir operas mal cantadas, e de ver desfilar no palco uma immensidade de peças que duram apenas uma noite; alem d'isso veem as recitas da Van-Zandt por preços elevados, recitas que já não tinham o atractivo da novidade e para que o elenco da companhia não estava preparado, porquanto não ha n'elle um tenor ligeiro, um tenor de genero francez como era o Degenne, para cantar o reportorio da Van-Zandt que é quasi todo francez.

A assignatura d'essas recitas ameaçava se fraquissima, mas a curiosidade do publico em assistir á recita de gala da acclamação d'el-rei D. Carlos, deu ensejo á empreza de fortalecer essa assignatura, sophismando o contracto, que manda que as recitas de gala sejam recitas ordinarias, e dando a preferencia para essas recitas a quem assignasse para as recitas da Van-Zandt.

O governo d'então consentiu n'esse sophisma do contracto, sophisma que produziu algum resultado mas não todo o que se esperava, ficando apezar d'isso muitos logares por assignar.

A Van Zandt chegou: era ainda a mesma grande cantora do anno passado, mas o acompanhamento é que não era o mesmo e d'ahi não ser o mesmo tambem o effeito das suas operas.

A *Lakmé* e a *Mignon*, que foram no anno passado grandes triumphos, deixaram muito a desejar pelo *ensemble*. O que foi o *Hamlet* a opera nova que a Van Zandt cantou este anno, já nós o dissemos na nossa ultima chronica.

A grande cantora foi na parte de Ophelia muito inferior á Devriés, muito inferior a Donadio, e muito inferior a si propria, e o *Hamlet* cahiu.

A empreza tratou de dar a *Dinorah* e tratou d'isso com a mesma falta de cuidado e falta de bom senso com que tem posto em scena a maioria das suas operas.

A *Dinorah* nunca foi uma opera da grande predilecção do publico; massa-o um pouco e só quando tem um desempenho excepcional, como o teve por parte da Ortalani, Tiberini e Amodio, ou Vitali, Corsi e Rota é que lhe agrada.

Pois a empreza deixou ir a *Dinorah* só entregue ao talento da Van-Zandt, que de mais a mais não tem n'esta opera a sua melhor corôa.

O barytono da opera de Meyerber que tem sido sempre confiado ao 1.º barytono da companhia, ao Rota Aldghieri, Cotogni, Francisco d'Andrade, Battistini, foi este anno confiado ao sr. Coletti, um 2.º barytono: a parte de tenor foi confiada a um comprimario o sr. Paroli que já no anno passado a desempenhára «tant bien que mal,» e todos os outros papeis tiveram uma destribuição extremamente mediocre.

Era de prever um fiasco certo com a *Dinorah* assim desempenhada, mas nem mesmo assim desempenhada ella foi.

A ultima hora em vez do tenor comprimario o sr. Paroli, apparece a desempenhar a parte de Correntino um tenorino de 3.ª ou 4.ª cathegoria o sr. Durini.

O publico ficou assombrado ao principio com a audacia da empreza; depois riu-se muito, e o primeiro acto e metade do segundo da opera correram no meio d'uma troça colossal, gargalhadas, ditos, o demonio; depois finalmente o publico cançou-se de rir, a paciencia esgotou-se-lhe, e rompendo n'uma pateada, no meio do 2.º acto, não deixou continuar a opera e intimou a empreza a mandar descer o panno.

O panno desceu, o acto ficou em meio. No theatro um borburinho enorme, no palco não menor atarantação.

Finalmente a empreza reconhecendo que tinha andado mal e que aquella opera assim cantada não era digna do publico, nem correspondia ao preço exagerado dos lugares, declarou que estava prompta a restituir o dinheiro áquelles que o quizessem receber e só depois d'isto o publico deixou continuar a opera que concluiu no meio da indifferença de toda a gente.

Noites depois d'esta memoravel noite da *Dinorah* houve em S. Carlos um acontecimento importante para a arte e para nós todos portuguezes: —o debute d'uma nova artista, nossa patricia, a sr.ª Judice da Costa.

A sr.ª Judice é natural do Algarve, filha d'um destincto empregado do ministerio da Fazenda, e aprendeu musica no conservatorio com o illustre professor de canto o sr. Melchior.

É muito nova ainda, tem 19 annos, é gentil, possue uma excellente voz de meio soprano e tinha-se já feito applaudir enthusiasticamente como amadora em varios concertos de caridade.

A sr.ª Judice estreiou-se modestamente na parte de cega da *Gioconda*, mas apesar da modestia da apresentação o seu debute foi brilhante e a estreiante entrou na arte no meio d'uma grande ovação justissima, porque a nova cantora tem notaveis dotes artisticos que lhe garantem uma bella e gloriosa carreira.

Essa ovação na *Gioconda* foi tão justa quanto injusta a frieza com que o publico a ouviu no *Rei de Lahore* a segunda opera que cantou em S. Carlos.

O *Rei de Lahore* de cuja primeira representação vimos n'este instante, veio engrossar o numero já consideravel de peças mal cantadas e bem cahidas que este anno tem havido em S. Carlos.

Esta era das taes já de antemão condemnadas ao *fiasco* pela distribuição, e dar a parte de Scindia, que é importantissima e que foi aqui cantada magistralmente pelo Devoyvoad, ao barytmo Colette, que além de estar muito longe de ser uma summidade artistica não tem as sympathias do publico, equivale a um passaporte para o outro mundo.

A sr.ª Bulicciotf tambem não poude com as responsabilidades do papel de Nair nem o sr. Ortisi com as do papel de Alim, e tudo isto concorreu para a indefferença, para o aborrecimento em que a opera foi ouvida, aborrecimento aqui e ali cortado por gargalhadas ou por pateada, para a friesa que se espalhou até á sr.ª Judice, que cantou muito rasoavelmente a sua canção do 2.º acto, e que não tinha culpa nenhuma do *Rei de Lahore* ser um fiasco.

A empreza põe agora todas as esperanças no *Lohengrin* e nós tambem esperamos muito d'essa opera, porque entram n'ella a Tetrasini e a Pasqua.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ AUGUSTA DA ALLEMANHA

A morte da imperatriz Augusta da Allemanha, ainda que já de ha muito esperada, produzio a mais dolorosa impressão em todos os estados da confederação germanica, onde as suas virtudes eram veneradas e conhecida a mais justa aspiração da boa princeza. *Quero que as gentes digam depois na minha morte que fui uma mulher de bem.*

Maria Luiza Augusta Catharina, filha do fallecido gran-duque de Saxonia, Weimar Carlos Frederico e de Maria Pawlovna, filha do imperador da Russia Paulo I, nasceu em Weimer a 30 de setembro de 1811, e n'esta cidade, que então era o centro intellectual da Allemanha, foi educada com muito proveito para o seu superior espirito e excellente coração.

Cultivou dedicadamente a litteratura e artes do seu paiz, e tratou com Goethe, que ao tempo era ministro de Estado do Gran Duque Carlos Frederico, e com outros litteratos e artistas celebres de Weimar, como Wieland, Hummel e Meyer.

Em 11 de junho de 1829 desposou o principe Guilherme de Hohenzollern, que foi depois rei da Prussia, por morte de seu irmão Frederico Guilherme IV, em 2 de janeiro de 1861 e proclamado em Versailles a 18 de janeiro de 1871 imperador da Allemanha.

D'este matrimonio nasceram dois filhos, o principe Frederico, que subio ao throno por morte de seu pae, em 10 de março de 1888, e que falleceu a 15 de junho d'esse mesmo anno; e a princeza Luiza Maria Izabel, que casou com o gran duque de Baden Frederico Guilherme Luiz, em Setembro de 1856.

A imperatriz Augusta dotada de um coração extremamente bondoso e caritativo, reprovou sempre as luctas e as guerras levantadas pela politica imperial, porque só se lembrava das victimas que essas guerras faziam, e foi com a mais profunda magoa que assistiu ás encarniçadas batalhas que se feriram entre a Allemanha e a França, em 1870.

Não podendo impedir a terrivel guerra, pro-

curou quanto em si coube attenuar-lhe os crueis effeitos, e ella mesma tomou a presidencia da Sociedade da Cruz Vermelha, velando carinhosamente pela sorte dos feridos, ordenando para que a todos, allemães ou francezes, fossem dispensados os mesmos soccorros.

D'isto resultou o dizer-se na propria imprensa franceza que: «nenhum francez devia pensar na imperatriz Augusta sem ter por ella a mais respeitosa sympathia.»

A imperatriz Augusta fôra atacada de uma paraplesia ainda em vida de seu esposo, e essa terrivel doença mortificou-a por mais de dois annos vindo a fallecer em 7 de janeiro ultimo.

O seu cadaver, depois de ter estado exposto em camara ardente no palacio imperial, foi transportado para o jazigo de Charlottenburgo, para junto de seu esposo.

O RIO ROVUMA

O rio Rovuma limita pelo norte a nossa provincia de Moçambique, e é tambem hoje o limite dos nossos dominios pelo norte da mesma provincia.

Tendo por affluentes varios rios é em todo o caso o Lienda o seu mais importante affluente, que segue até proximo do lago Nyassa.

É navegavel este rio o qual desembocando para oeste no occeano indico, tem pelo norte o Cabo Delgado.

A Companhia da Malla Real Portugueza pôz o nome d'este rio a um dos seus vapores, o qual se acha desenhado na nossa gravura entre a formosa vegetação que orla as margens do rio, que felizmente ainda podemos considerar sob o dominio de Portugal.

Procurando illucidar bem o publico sobre os nossos dominios na Africa Oriental, iremos dando á estampa gravuras e artigos que o ponham ao facto de quanto ali possuimos.

ALGEMAS APPREHENDIDAS

NA ALFANDEGA DE QUELIMANE DESTINADA ÁS MISSÕES INGLEZAS EM AFRICA

Quem assistiu á sessão solemne celebrada pela Sociedade de Geographia de Lisboa, no theatro de S. Carlos, em janeiro de 1887, para receber Serpa Pinto e Augusto Cardoso, que regressavam da sua viagem de exploração a Africa, deve recordar-se de que entre as differentes communicações que o arrojado explorador fez ao publico, houve uma que o impressionou fortemente, por extremamente repugnante aos sentimentos humanitarios.

Foi Serpa Pinto declarar a forma violenta e deshumana porque procediam os missionarios escocezes em Africa para avassalarem os negros, e como esses inglezes, que hypocritamente dizem combater a escravatura, eram os primeiros a explora-la em seu proveito, e como prova flagrante d'isto apresentava a assembléa, que o ouvia, umas algemas que trouxera para memoria, apprehendidas entre muitas na alfandega de Quelimane, escondidas em caixotes com outros artigos destinados ás missões escocesas de Blantyre!

Este documento vergonhoso da civilisação ingleza em Africa, conserva-se depositado no Museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, onde por obsequiosa annuencia da direcção da mesma sociedade, o podemos desenhar para o reproduzir em gravura nas paginas do Occidente.

N'esta occasião em que a Inglaterra combate a nossa civilisação em Africa, arrogando-se direitos que não tem e concedendo-nos, quando muito, que partilhemos com ella na sua obra de civilisar as nossas possessões, é bom que façamos bem publico, quaes os meios de que ella se serve para civilisar aquelles povos, se mais publicas se podem ainda tornar as suas perfidas intenções, e desprezarmos profundamente a sua cooperação selvagem e repugnante que vem manchar a nossa missão civilisadora e humana, com as violencias e traficos avillantes de que nos dá tão frisante documento n'estas escravisadoras algemas.

Nunca pensámos que umas algemas tivessem a importancia bastante para figurarem em nossas paginas, mas desde que a imprensa ingleza acusa Portugal de escravisar a Africa, e reproduz em suas paginas scenas de escravatura que nos attribue, é bom que lhe respondamos com estes documentos incontestaveis e que aqui os archivemos para eterna vergonha de quem nos accusa, se isto lhes pesa.

A gravura reproduz as algemas com um annel fechado e o outro aberto pela chave A.

Ainda cá temos mais para lhe respondermos.

O NOVO MINISTERIO

A demissão do gabinete presidido pelo sr. conselheiro José Luciano de Castro, em virtude das manifestações publicas de 11 de janeiro reprovando a submissão do governo ao *ultimatum* da Inglaterra, determinou a subida ao poder do novo governo formado de membros do partido regenerador, tendo á sua frente o sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel.

Encontram-se no novo gabinete tres estadistas já experimentados na publica administração e tres parlamentares destinctos, que pela primeira vez são chamados aos conselhos da corôa.

A conjectura presente não é de molde para extreias, porque as difficuldades governativas accomulam-se e para as vencer é preciso muito tato politico e muita experiencia, mas se a alguns dos actuaes membros do gabinete ella lhe falta, sobra-lhe em compensassão o talento e a boa vontade, que tambem são elementos poderosos que podem suprir aquella falta.

Publicando no nosso nnmero de hoje os retratos dos novos ministros, vamos esboçar rapidamente alguns dos seus traços biographados principiando pelo sr. conselheiro

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

Foi o encarregado por El-Rei D. Carlos I de formar o novo gabinete, assumindo a presidencia do conselho e encarregado-se da pasta do reino e da pasta da guerra.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel completou 64 annos de idade em 20 de novembro ultimo, tendo nascido em Coimbra em egual dia do anno de 1825. Nobre por nascimento, seguiu honradamente as tradicções dos seus maiores, procurando illustrar o seu espirito e ser util ao seu paiz, que o considera entre os seus homens politicos mais distinctos e mais dedicados ao serviço da patria.

Depois de concluir os seus estudos na Universidade de Coimbra, onde se formou, alistou-se no exercito em que tem hoje o posto de coronel de engenheiros.

Antes de entrar na politica occupou por alguns annos a cadeira de mathemathica, na escola Polytechina, cultivando tambem a litteratura com destincção.

Foi em 1859 que pela primeira vez entrou no parlamento, eleito por Oliveira de Azemeis. Pouco depois era encarregado da pasta das obras publicas, e nos ministerios presididos por Fontes Pereira de Mello, foi encarregado por duas vezes da pasta da fazenda e pasta dos estrangeiros, tendo tambem desempenhado as funcções de ministro da guerra interinamente em 1860.

Foi elevado ao pariato em 1871 e a conselheiro de estado effectivo, em 1876.

O partido regenerador escolheu-o para seu chefe, quando Fontes Pereira de Mello morreu

É, portanto, o estadista e parlamentar mais antigo e experimentado que hoje faz parte do gabinete. Muitos melhoramentos do paiz estão ligados ao seu nome por serem obra da sua iniciativa.

Foi delegado de Portugal na conferencia de Berlim onde se firmaram as condicções que as potencias deviam observar sobre a occupação de territorios africanos.

ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO

Ministro dos negocios estrangeiros a pasta mais difficil de gerir n'esta occasião, em que uma importante questão de diplomacia internacional assoberba o paiz.

Mas o sr. conselheiro Hintze Ribeiro é um estadista experimentado, que tem dado provas bem publicas do seu saber e do seu talento, como ministro, como publicista e como orador parlamentar, achando-se o seu nome ligado a muitos dos melhoramentos feitos no paiz por sua iniciativa quando ministro.

Novo ainda, pois nasceu a 7 de novembro de 1849, em Ponta Delgada, entrou cedo na politica, pouco depois de concluir os seus estudos na Universidade de Coimbra, onde tomou capello e defendeu brilhantemente a sua these.

Eleito em 1878 deputado ás Côrtes pelos Açôres, revelou logo os seus excepcionaes dotes oratorios e a grande illustração do seu espirito que o habilitava para as elevadas funcções do poder.

Assim entrou, em 1881, no ministerio presidido por Antonio Rodrigues Sampaio, tomando a gerencia da pasta das obras publicas e depois interinamente a dos estrangeiros, pela sahida do sr. conselheiro Miguel Dantas d'aquelle ministerio.

Pela demissão do gabinete presidido por Antonio Rodrigues Sampaio, subio ao poder outro governo tambem regenerador presidido por Fontes Pereira de Mello no qual entrou tambem o sr. conselheiro Hintze Ribeiro para a pasta da fazenda.

Tanto na fazenda publica como nas obras publicas e nos estrangeiros a sua gerencia assignalou-se por importantes medidas que lhe firmaram a reputação de um ministro intelligente e honrado.

Cahido o ministerio regenerador, em 1886, o sr. Hintze Ribeiro fôra nomeado par do reino por carta regia de 1 de janeiro d'este mesmo anno, e na camara alta sustentou-se sempre desassombradamente na opposição sendo um dos adversarios mais terriveis do governo progressista.

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

Ministro da justiça, entrou pela primeira vez nos conselhos da corôa, em 1881, no ministerio presidido por Sampaio a que acima nos referimos.

Foi-lhe então confiada a pasta da fazenda que geriu muito notavelmente. Este gabinete não chegou a durar um anno, mas o sr. conselheiro Lopo Vaz continuou a fazer parte do novo ministerio passando para a pasta da justiça.

Principiou a sua carreira politica muito novo, em 1870, tendo apenas 21 annos de idade, pois nasceu em 1849, na quinta de Goivinhas districto de Villa Real.

Estudante laureado da Universidade de Coimbra, foi eleito deputado ainda antes de tomar capello.

Em 1873 foi nomeado director geral da instrucção publica e pouco depois director geral das alfandegas.

Qualquer d'estes cargos publicos abonam a sua grande capacidade scientifica, a que reune os dotes de um orador parlamentar de primeira ordem.

JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO

Ministro da fazenda pela primeira vez, conquistou rapidamente a confiança do partido em que se filiou, pois a sua entrada no parlamento data de 1885, em que foi eleito deputado por Guimarães.

Nasceu em Alcaide, concelho do Fundão, em 1855. Aos 20 annos formava-se em direito na Universidade de Coimbra e logo depois entrava na magistratura. Nomeado delegado do procurador regio em Satam, passou successivamente para as commarcas de Baião e de Alcobaça, sendo despachado em 1881 para uma das varas de Lisboa.

Em 1885 entrou em concurso para o cargo de chefe da Administração Geral das Alfandegas, obtendo a primeira classificação. Desempenhou interinamente o logar de administrador geral das Alfandegas, e no desempenho de todos estes cargos deu provas de competencia incontestavel.

Foi n'este mesmo anno, como dissemos, que a cidade de Guimarães o elegeu deputado ao parlamento, e ali manifestou ser um orador distincto, dos mais vigorosos e de mais sãs doutrinas.

FREDERICO DE GUSMAO CORREIA AROUCA

Ministro das obras publicas, é um membro muito distincto da magistratura portugueza, onde principiou por desempenhar o logar de delegado do Procurador Regio, passando depois para uma das varas de Lisboa, desempenhando ultimamente as funcções de ajudante do mesmo Procurador.

Foi pela primeira vez eleito deputado pelo Cadaval em 1878, conservando sempre a sua cadeira no parlamento nas successivas legislaturas.

Orador notavel, tem sido no parlamento o mais extrenuo defensor da agricultura portugueza, tratando esta questão com o mais profundo conhecimento, mostrando o quanto a tem estudado.

Foi esta circumstancia que o indigitou para ministro das obras publicas, commercio e industria, no actual gabinete de que faz parte

JOAO MARCELLINO ARROYO

Ministro da Marinha e Ultramar, é o mais novo dos seus collegas, pois ainda não tem 30 annos de idade, mas o seu talento previligiado marcou-lhe logo um logar distincto no parlamento, quando ali entrou pela primeira vez, em 1885.

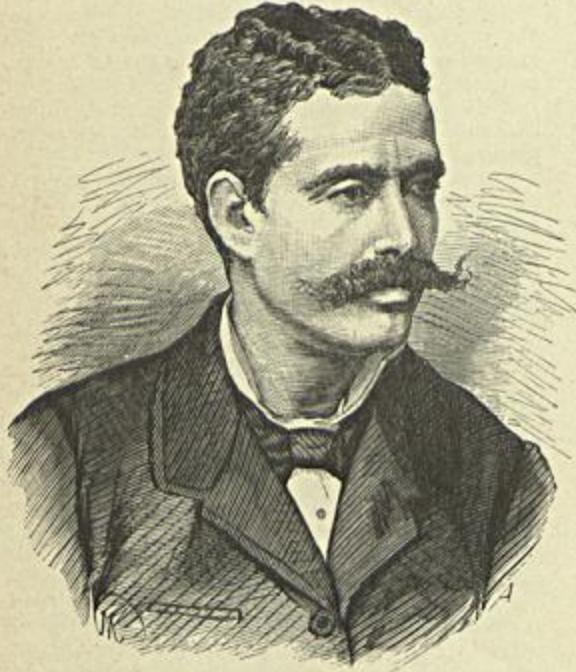
Um verdadeiro luctador da palavra, tornou-se em breve um adversario temivel do governo transacto, e está bem na memoria de todos os seus brilhantes discursos que levantaram toda a camara.

O sr. Arroyo formou-se em direito na Universidade de Coimbra em 1883 e pouco depois concorreu ao logar de substituto da faculdade de Direito, sendo approvado por unanimidade lente d'esta cadeira.

Foi por occasião do centenario de Camões, em

O NOVO MINISTERIO

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

PRESIDENTE DO CONSELHO E MINISTRO DO REINO E DA GUERRA

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

MINISTRO DA JUSTIÇA

JOAO MARCELLINO ARROYO

MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR

ERNESTO RODOLPHO HINTZE RIBEIRO

MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

JOAO FRANCO CASTELLO BRANCO

MINISTRO DA FAZENDA

FREDERICO DE GUSMAO CORREIA AROUCA

MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS COMMERCIO E INDUSTRIA

1880, que pela primeira vez fallou em publico, no sarau com que Coimbra festejou esta data gloriosa.

A sua carreira publica, tem sido, portanto, das mais brilhantes, dando as mais incontestaveis provas de grande energia e talento.

C. A.

D. RAFAEL MARIA DE LABRA

O pouco espaço de que podemos dispor só nos permitte traçar algumas linhas geraes da biographia d'este homem eminente da nação visinha, ultimamente tão fallado em Portugal.[1]

Não ha ninguem entre nós que desconheça hoje este nome, mas poucos saberão ainda o que elle representa na sciencia, na litteratura e na politica.

Labra é um talento multiplo, um espirito complexo e vasto que assombra não só pela grandeza como pela fecundidade.

Typo distincto, extremamente sympathico, com esses traços caracteristicos da bondade e da intelligencia, não ha quem uma vez o veja que se não sinta por elle attrahido, que o não fique adorando.

Foi essa a impressão que sentimos e que sentiram todos aquelles que o conheceram em Lisboa, vae para dois annos.

* * *

Nasceu em Habana, pelos fins de 1840, do brigadeiro D. Ramon, asturiano de familia, e d'uma sen-

[1] Ha publicadas muitas biographias de Labra, porém a mais completa que conhecemos, e pela qual nos dirigimos n'este simples esboço, é a escripta pelo distincto litterato hespanhol Sendras y Burin — Madrid — 1887.

D. RAPHAEL MARIA DE LABRA

(Segundo uma photographia de Moratalla Hermanos)

ta senhora cujo nome agora nos não recorda, filha d'um honrado intendente de Cuba, mas tambem de sangue asturiano.

O pae de D. Rafael foi um antigo progressista, parte principal do movimento liberal de 1820, e um dos tres denodados chefes da defeza de Pamplona em 1823, emigrado durante onze annos em Inglaterra.

Quando Labra veio á peninsula tinha apenas nove annos. De compleição delicada, seus paes tinham com elle os maiores cuidados, tanto mais que revelava um talento precoce.

Aos treze annos, — o que é deveras extraordinario, — foi expulso d'um collegio por causa de certas perorações politicas...

Frequentou a Universidade de Madrid, onde concluio com notavel distincção, os cursos de philosophia, lettras e direito administrativo, aos desesete annos; aos vinte era advogado, havendo recebido um anno antes das mãos de D. Salustiano Olózaga o premio da eloquencia, na Academia de Jurisprudencia e Legislação.

Aos vinte um annos Labra chamava sobre si a attenção publica pela sua palavra inspirada.

A educação que lhe deram foi das mais brilhantes. Sabe varios idiomas, e fôra cavalleiro e pianista de grande execução, chegando a ser admiravel compositor. Tambem cultivou por algum tempo o desenho, mas distinguiu-se sobre tudo nas salas d'armas, alcançando a reputação de primeira espada de Madrid, ao lado do marquez de Heredia, Argaiz e Plazaóla.

Além d'isso, e como complemento d'uma educação verdadeiramente superior, D. Rafael de Labra dedicou-se com amor extremo á floricultura e arboricultura na sua formosissima Quinta d'Abuli, proximo d'Oviedo, onde costuma passar os tres mezes de verão, e

AFRICA PORTUGUEZA — O RIO ROVUMA (Segundo uma photographia)

viajou demoradamente pela França, Inglaterra, Belgica e Suissa.

* * *

Labra distingue-se como advogado, como escriptor, como propagandista, como parlamentar e como politico.

Como advogado tem uma enorme clientella em Madrid; é-o dos mais opulentos proprietarios de Cuba e Puerto-Rico, advogando hoje só no Supremo Tribunal de Justiça e no Conselho de Estado.

N'este ramo a sua grande eloquencia distingue-se completamente da que usa no parlamento. Emquanto n'este é fogoso e colorista, no fôro prescinde de todos os rasgos tribunicios, adoptando a fórma insinuante e persuasiva propria d'um auditorio muito restricto, d'um publico como o judicial, preoccupado em demasia contra os desabafos oratorios e as attitudes dramaticas.

Labra é o advogado claro e as causas que defende pertencem ao numero das mais notaveis.

Como escriptor poucos haverão tão fecundos e que tenham cultivado tantos generos. Colleccionados os variadissimos artigos que tem escripto em revistas e jornaes, teriamos para mais de vinte volumes, além d'uns sessenta que já conhecemos publicados n'um periodo de desoito annos, e cujos titulos não nos é possivel aqui indicar.

Como propogandista tem posto toda a sua grande alma ao serviço dos elevados ideaes da humanidade. Não ha causa justa, obra meritoria, que não encontre n'elle um defensor enthusiasta. Os seus trabalhos n'este sentido formam um mundo de amor e de justiça. O livro, o folheto, o jornal, a tribuna, tudo lhe serve para a sua activa propaganda das nobres aspirações.

Labra nunca desanimou e nunca o abandonou a fé, a esperança de ver realisados os grandes ideaes, a que muitos chamam sonhos ou utopias.

O que ha de grande e generoso que elle não tenha defendido? Nada, absolutamente nada. E pasma-nos realmente a sua perseverança fazendo em todos os circulos e sociedades de Madrid, conferencias, tendo quasi sempre por themas: a liberdade em todas as suas manifestações, a emancipação do escravo, da mulher e do operario, a difusão do ensino, a reforma penitenciaria, a regeneração da mulher cahida, a união e fraternidade dos povos, emfim tudo quanto é elevado.

A *Sociedad abolicionista Española*, de que é presidente ha muitos annos, o *Fomento de las Artes* e a *Instituicion livre de Enseñanza*, associação a que se tem consagrado com o maior enthusiasmo, são verdadeiros fócos de propaganda litteraria e scientifica só illuminados por este homem illustre.

Os seus repetidos trabalhos em beneficio das classes operarias são de tal ordem que por consideração a elles Labra foi nomeado presidente honorario e socio de merito de grande numero de associações d'aquelle caracter, taes como o *Fomento de las Artes de Granada*, *Salvador de Bilbau*, *Protectora de Malorca*, etc., etc.

A instrucção publica deve-lhe egualmente relevantissimos serviços, pelo que é membro honorario de quasi todas as sociedades scientificas de Hespanha e do estrangeiro, como o *Instituto de Coimbra*, *Sociedade de Legislação comparada*, de Paris, *Associação para a reforma do direito das gentes* de Londres, *Instituto de direito internacional*, de Gante, e muitas outras.

Ha occasiões em que a sua casa se transforma n'um verdadeiro centro de publicidade, d'onde sáem milhares e milhares de impressos, para toda a parte do mundo. D'ali sahiram innumeros impressos abolicionistas, que se espalharam por toda a Hespanha, principalmente de 1868 a 1873, produzindo aquelle celebre movimento dos *meetings*, manifestações e exposições aos poderes publicos, movimento que foi coroado do exito mais completo em 22 de março de 73. Labra distribue *gratis* as suas obras entre amigos e desconhecidos, exgotando rapidamente as edições.

* * *

O parlamentar e o politico evidenciam-se sobretudo nas humanitarias reformas que são a sua corôa de gloria. Considerado debaixo d'estes dois aspectos, D. Rafael de Labra avulta como um d'esses seres predestinados para os grandiosos feitos. Os seus discursos distinguem-se sempre por uma grande elevação de ideias, pela correcção e elegancia da phrase, pela concisão, pelo vigor da dialectica, pela facilidade admiravel da expressão. Nunca perdeu a serenidade nem a consciencia da sua posição. Castellar enthusiasmou-se por elle fazendo-lhe a mais brilhante apotheose. Labra pertence a essa pleiade de homens que o movimento revolucinario de 1868 trouxe á vida publica. Como politico colonial sustentou diversas campanhas importantissimas de que resultaram a abolição immediata da escravatura em Puerto-Rico, a lei que supprimiu o patronato em Cuba, e ainda outras reformas rasgadamente liberaes que desde 1872 para cá se têm levado ás Antilhas. Decerto que se não fosse elle, Cuba ainda estaria hoje sem representação no parlamento e não haveriam surgido esses homens illustres que se chamam Betancourt, Millet, Portuondo, Bernal, Guel, Jorrin, Figueroa, Montouro, Fernandes Castro, Carbonell y Ortiz.

Convem notar que Labra achara-se só no parlamento durante oito annos, de 1871 a 79 luctando pela causa da grande Antilha, no meio das maiores difficuldades.

Foi uma lucta de gigante de que sahiu triumphante pala sua grande perseverança. Essas leis bastavam para a immortalidade do nosso biographado. Em signal de gratidão os portorriquenos e cubanos que vêem em Labra o seu redemptor, reelegem'n'o sempre deputado pelos circulos de Sabana Grande e Santa Clara.

Em 1882 e nas eleições geraes de 1886, as Sociedades Economicas de Habana, S. Thiago de Cuba e Puerto-Rico, elegeram-n'o tambem senador.

* * *

Não será facil decerto, encontrar na moderna Hespanha figura tão extraordinaria como o do illustre antilhano.

Não se lhe conhecem ambições, o que é raro n'um homem politico.

Ainda estão vivos Pi y Margall e Nicolau Salmeron, que lhe offereceram uma pasta de ministro convidando-o a escolhel-a. Labra não quiz nenhuma; e perguntando-lhe Pi o que desejava ser, respondeu-lhe: «o que sou, o que serei, o que sempre tenho sido.»

São assim os homens verdadeiramente superiores. Labra sente-se muito melhor na sua vida ordinaria, activa, excepcional, pondo toda a sua intelligencia e todo o seu coração ao serviço das grandes causas, aspirando unicamente á realisação dos seus formosos ideaes.

Nunca as grandezas ficticias deslumbraram este bello espirito; são outros os seus amores, — a esposa e os encantadores filhos — verdadeiros anjos d'aquelle lar risonho e feliz só comparado a um paraiso se um paraiso houvesse; os fracos e os opprimidos; as idéas generosas e redemptoras; tudo, emfim, que no mundo alguma cousa vale, e que viverá emquanto existir a humanidade.

Os que com elle privam jamais lhe notaram o menor signal de desalento, ainda mesmo nas situações mais difficeis e complicadas, ainda mesmo quando parecem conspirar contra si todos os elementos retrogrados cheios de prestigio e auctoridade. Pelo contrario, isso anima-o a proseguir e mais lhe ateia a chama do enthusiasmo dando-lhe dupla força para a lucta.

E' realmente assombroso o trabalho quotidiano d'este homem. Só podemos dar d'isso uma idéa transcrevendo algumas linhas d'um importante jornal madrileno, devidas á brilhante penna de Miguel Moya:[1]

«Que actividade e perseverança as suas! Pensar em como tem tempo para fazer tantas cousas, assombra. Maravilha vêr a sua força de vontade para resistir a ataques e calumnias. Dir-se-hia que na sua cabeça estão classificados os distinctos empregos do seu pensamento, como as cartas nos escaninhos dos correios, e que a sua energia é da tempera do aço Martin que se emprega na cobertura dos navios couraçados. N'esta energia tem-se esmagado sempre a morbida injuria. E como Labra valeu sempre para todo o mundo, ainda mesmo para os negreiros, muito mais que Mansi, não se deu todavia o caso de alguma das occupações do seu pensamento mudar de direcção ou extraviar-se. Assim defende pleitos, organisa *meetings*, dá conferencias, lê revistas em varios idiomas, pronuncia discursos politicos, escreve livros, tem activa correspondencia com meio mundo, dá a todas as suas cartas quasi a extensão d'um protocollo, e nos momentos livres tem gosto para discorrer sobre o emprego do florete ou para dar um bote á Carbonell, á Achiles ou á Zuavo.

Nos seus artigos e discursos que são innumeraveis, falla de tudo e entende de tudo o que falla. Ordinariamente não escreve; dita ao seu secretario ou aos seus tachigraphos, aproveitando qualquer momento para trabalhar. Emquanto se veste, um artigo; emquanto lhe servem o almoço, uma carta politica; emquanto esfria a sopa, um folheto; emquanto repousa, uma allegação.»

Labra é em Hespanha o verbo, o *leader*, o verdadeiro chefe do autonomismo colonial.

O seu amor pelas nossas cousas revela-se em muitos actos da sua vida publica e particular; a consideração que lhe merecemos evidencia-se nas obras do seu espirito. O que elle não tem produzido com o generoso intento de nos levantar do estado de abatimento em que jazemos, e de nos tornar conhecidos e respeitados lá fóra! Que se leiam os seus bellos livros *Colonisacion en la historia — Portugal y sus codigos — Estudo sobre o marquez de Pombal — Lisboa y los portuguezes — Portugal contemporaneo — Legislacion portugueza*, etc., etc., obras que lhe dão jus ao nosso respeito e eterna gratidão.

A brilhante attitude de Labra ultimamente na camara dos deputados, defendendo os interesses de Portugal na desgraçada questão com a Inglaterra, é um facto já sabido de todos e que lhe tem grangeado o maior numero de sympathias.

Elle foi o unico estrangeiro que levantou a voz em nosso favor; elle é o que em Hespanha mais trabalha pela alliança das duas nações irmãs, o que mais se interessa pelo nosso futuro, pela nossa emancipação da tutella ingleza. Serão baldados todos os seus esforços generosos? Não o sabemos; mas sim que o seu nome glorioso ficará eternamente gravado no espirito de todos os que amam este bocado de terra.

Dando hoje o seu retrato acompanhado d'estas simples linhas, julgamos cumprir apenas um dever de pura gratidão e interpretar assim o sentimento de todos os portuguezes.

Lisboa, 8 de fevereiro de 1890.

Reis Damaso.

UM RETRATO

De S. M. El-Rei D. Carlos I

Um praso escasso, marcado para a execução de qualquer trabalho de folego, estimula ás vezes proveitosamente os artistas de temperamento indolentado, abstrahidos e meio amollecidos na boa passividade meridional, dando-lhes uma excitação nervosa que vale bem a vaga prenda chamada inspiração. Basta vêr por agora o exemplo que me traz o sr. Antonio Ramalho, cujo talento provado não anda afeito á desarticulação indizivel dos labores violentos, tendo-se habituado antes a produzir com socego nas horas de disposição favoravel, e que conseguiu pintar, em menos de um mez, nas inevitaveis condições d'ausencia quasi completa de modêlo e grande atrazo no fornecimento d'accessorios indispensaveis, o retrato em tamanho natural d'el-rei D. Carlos I, que está na camara dos deputados, sabendo enriquecel-o com o valor d'uma verdadeira obra d'arte, sem deixar de lhe imprimir o interesse vulgar da parecença.

Córado, como sob a emoção d'uma solemnidade em publico, com esse viço de mocidade que esfuma tintas de rosa ou de cereja nas faces aristocraticas, e que se estiola tão cedo nos individuos afinados pelo apuramento secular, o novo Soberano olha em frente, com uma placidez confiante nas suas pupilas azues, a physionomia serena, e a cabeça um pouco levantada sobre o pescoço curto. De pé, uma perna ligeiramente dobrada, o peito ancho, pousa a mão direita, desenhada correctamente, sobre não sei que movel coberto d'um panno de velludo carmezim, e descança a outra mão, de branco enluvada, na guarda da espada. Pende-lhe dos hombros o amplo manto purpureado; e o fardamento de generalissimo, com os arabescos miudos dos bordados, a banda estrillante de garridice, condecorações e medalhas, com o calção alvacento e as botas altas, tocadas de reflexos, faz um embrincamento de côres, cuja notação exacta demandou evidentemente uma presteza certeira d'observação a par de seguras habilidades de paleta.

A factura larga, pastejada a rasgados toques, pujante e expeditiva, conserva a egualdade cuidadosa que é uma das caracteristicas marcas da maneira elegante d'este pintor. Ha, por sitios, tonalidades d'um vigor magnifico; emquanto que

[1] *El Liberal* — Num. 3:837 — *Oradores politicos — Labra* (perfil.)

n'outros, — nos louros cabellos, nomeadamente, na parte inferior da cara, nos arminhos do manto, e mesmo no estofo vermelho da poltrona de braços ornateados e dourados, — recommenda-se a delicadeza do acabamento, d'uma felicidade notavel. E, como na tela dominam os effeitos rubicundos, que véem desde o fundo barrado de carmim até á macieza d'uma almofada rubra, sobre a qual a corôa reluz ao lado do sceptro, a pessoa do rei parece envolvida no endeusamento d'uma coloração intensa d'aurora.

Comquanto as circumstancias de relativo desconforto e celeridade forçada, em que teve de ser feito, não lhe consentissem attingir uma supremacia de obra prima, — incompativel talvez com a sua indole official, — este bello trabalho constituiria certamente a affirmação da competencia artistica do sr. Antonio Ramalho, se ella não estivesse já demonstrada e fortificada pelos applausos da critica consciente.

Mas sabem todos e cada um sabe que, sob o docel alcovesco da camara dos deputados, havia um retrato extraordinario do senhor D. Luiz I, um prodigio de chateza lyró, sédiça e formosa amostra d'esse genero de pintura relambicada, edulcorada, e cofiada, tão grato ao Burguez jocundo, que ha de personificar o mau gosto para todos os seculos sem fim, e não menos dilecto a varios cavalheiros d'aventura, empolgadôres da fortuna e do acaso, adventicios arrogantes que adoram a romanza e veneram o ouropel. Acho que as successivas remessas de delegados dos campanarios nacionaes, vindas por longos annos da trapalhona ficção da urna para a zoeira atrapalhada das côrtes, costumaram-se a contemplar n'um derreamento fetichista aquelle painel, chegando porventura a consideral-o insubstituivel e alçado á eternidade da gloria, na sua qualidade ideal d'atributo hieratico da realeza. E o caso é que a ultima deputação da patria, tão melancholicamente estrangulada á nascença, quando se reuniu diante do retrato de D. Carlos I, e deu com a figuração d'um homem palpitando na vivacidade da côr, foi tomada d'um assombro que degenerou quasi em vertigem.

Semelhante cousa jámais se viu! E, n'um murmurio de commentarios, pessoas exaltadas apontavam minudencias, detalhes, investigavam reconditas intençōes. Qual de cá lamentava que se pintasse o corpo d'um monarcha, reforçado e polpudo na plena vida de todos os dias, sem o talhar apuradamente com a esbelteza d'um loureiro; qual outro carpia que não se proporcionassem tons suaves d'assucena á cara de sua magestade, naturalmente incendida pelo affluxo do sangue; e qual de lá, descendo com desespero do estrado da presidencia, farejava propositos sediciosos na singularidade de não poder apreciar a pintura a tres pollegadas de distancia! De pasmo, os ephemeros legisladores iam-se esquecendo de eleger a commissão de verificação dos diplomas, — deixem passar estes termos barbaros; e um d'elles não conteve o seu humor sombrio, appareceu logo na imprensa a apedrejar o retrato com palavras enxovalhantes.

Ora, a estranheza manifestada pelos burocratas somnolentos e os bachareis montesinhos, que o suffragio arrebanhou no divertido redil de S. Bento, nem de passagem merece reparos, porque não se devia razoavelmente esperar outra especie de sensação da parte d'aquella assembléa illustre, porém bravia ou entorpecida, avêssa, emfim, á comprehensão d'assumptos que excedam a transcendencia do orçamento. Mas, que o redactor d'uma das primeiras folhas lisboetas botasse aos ventos um arremeço d'opinião tão aggressivo e tão destemperado, que se reduz á irresponsabilidade d'uma insolencia inepta perante a importancia positiva do quadro, seria uma anomalia capaz d'espantar a gente, um tanto, se o mesmo jornalista, ainda ha pouco tempo, tratando com egual brutalidade um velho imperador exilado e enfermiço e o Museu Portuense que elle visitou, não tivesse o ridiculo despejo de chamar *bonecos* — assim mesmo — *bonecos*, ás obras de arte que se honram na companhia do *Desterrado*, essa maravilha da estatuaria portugueza!

E talvez, em verdade, fosse escusado tambem este remoque ao homem da laracha acerba. Julgo conveniente, todavia, protestar sempre honestamente contra os grossos desconchavos de certos publicistas, que, abusando da innocencia geral do publico, emittem juizos perigosos ácerca de tudo quanto lhes surge ao alcance da facil penna, com a ostentação d'um Salisburysmo estouvado, que os parvos, os basbaques, ou os indifferentes na sua maioria terrivel, confundem com as boas luzes da auctoridade.

Monteiro Ramalho.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XX

— A casa dos outros signatarios? repetiu o major Rodrigues muito enfiado.

— Sim.

— Para que?

— Para elles se retratarem.

— Mas para que quer o senhor o retrato d'elles? perguntou o major Rodrigues fazendo-se meio tolo e meio brincalhão.

— Não temos tempo para brincadeiras nem eu agora as admitto, tornou secco e severo o Quim Barradas, franzindo o sobr'olho, vem ou não vem?

— Vou, vou, essa é boa, então não hei de ir.

— Então vamos lá, disse o Quim, encaminhando-se para a porta.

— Perdão, mas eu não posso ir assim n'este trajo; dê-me licença que vá vestir a outra farda, e pôr-me mais decente.

— Pois sim, vá, mas depressa.

— Sim senhor, é n'um abrir e fechar d'olhos, verá, disse o major recolhendo-se ao seu quarto a mudar de *toilette*.

E cumpriu a sua palavra: não se demorou nada.

— Prompto! aqui estou, disse elle apparecendo de ponto em branco, os bigodes grisalhos garbosamente retrocidos. Vamos lá!

— Vamos.

E os dois desceram a escada rapidamente e pozeram-se a caminho.

O major ha momentos ainda tão irresoluto, tão acobardado, mudára agora completamente de aspecto e apresentava-se com um todo resoluto, marcial, provocador.

Parecia positivamente outro homem e o Quim sentia-se mais corajoso ainda ao ver o heroico aspecto do seu companheiro comprehendendo que assim, aos dois, ninguem resistiria.

E não era só o aspecto do major que era guerreiro e denodado, eram tambem as suas palavras.

Com a farda nova o major Rodrigues dir se-hia que tinha envergado a vestidura dos heroes e era um gosto ouvil-o fallar energicamente, corajosamente, com uma eloquencia guerreira de matamouros.

O Quim estava verdadeiramente assombrado com essa metamorphose que se operara no seu visinho, e o seu espanto era tão grande que não poude occultal-o de todo.

O major comprehendeu essa admiração que translusia em meias palavras e apressou-se em explicar a sua rapida e radical transformação.

— Que quer meu amigo, eu sou assim; é o meu feitio. Em mim ha dois homens, ou antes dois animaes, um leão e um cordeiro. Não tenho meio termo. Ou mansissimo ou bravissimo.

«Quando o meu amigo entrou em minha casa estava eu mansissimo.

«Quem estava a almoçar era o cordeiro.

«O meu amigo fallou.

«A sua energia communicou-se-me.

«O cordeiro foi-se logo embora e de dentro de mim surgiu o leão.

«E o leão cá está agora. Vae ver como eu fallo a esses tratantes que o enxovalharam e que usaram infamemente do meu nome. Hão de retratar-se todos ali, immediatamente, e se algum d'elles hesitar, com esta espada metto-lhe duas balas nos miolos.

O Quim convenceu-se.

Nas palavras do major havia uma energia tão rude, uma convicção tão sincera, que se capacitou deveras que dentro do seu visinho havia realmente dois animaes, e que o animal que ia agora ali ao seu lado era o leão.

Este dialogo trocou-se em voz alta pela rua das Olarias e ainda chegou até á embocadura da rua dos Cavalleiros. Quando porém iam a entrar na Mouraria o major sem mais nem mais pespegou comsigo no chão.

— O que foi isso? perguntou o Quim ao sentir o ruido da queda e voltando-se para o seu companheiro.

— Cahi, respondeu lá debaixo o major Rodrigues, deitado no meio da calçada.

— Cahiu?

— Cahi, então não vê?

— Mas como cahiu o senhor? perguntou o Quim, curvando-se para o ajudar a levantar.

— Como cahi? Ora essa! Como cae toda a gente: tambem Atalante cahiu e tambem cahiu o Imperio do Occidente, respondeu com nobre emphase o major sentado no chão.

— Escorregou em alguma coisa?

— Não sei: é possivel que escorregasse, o que sei é que cahi.

— Mas levante-se.

— Não posso.

— Não pode?

— Não senhor.

— Fez-se mal?

— Creio que sim. Não me posso pôr em pé.

— O senhor não experimentou ainda.

— E' escusado experimentar, eu bem me sinto.

— Mas experimente sempre, insistiu o Quim curvando-se de novo para elle e ajudando-o a levantar-se.

— Ai! Ai! gritou o major.

— Mas o que sente?

— Não sinto nada. Ai! Ai! não posso.

— Essa agora! exclamou o Quim aterrado: querem vêr que o senhor partiu alguma coisa?

— E' possivel: ai! ai!

Começou a juntar-se gente.

— Dê aqui uma de mão ó freguez! disse o Quim a um aguadeiro da bica do Soccorro que se tinha aproximado, em mirone a ver o que era aquillo.

O aguadeiro ajudou e poz as suas gallegas mãos no corpo do major.

— Devagar, devagar que isto não é padiola, berrou lá do chão o major Rodrigues não podendo resistir ao empuxão que lhe dera o aguadeiro e vindo logo para cima.

— Bravo! já está em pé! disse o Quim sacudindo-lhe a terra que vinha pegada ao fato.

— Estou em pé, mas não me posso ter, disse o major, curvando as pernas e indo-se outra vez a baixo.

— Eh! Upa! gritou o aguadeiro aguentando-o.

E voltando-se para um collega que estava tambem na roda dos espectadores assistindo a esta scena da rua, disse-lhe:

— Ó Facundo, deita tu ahi a pata a esse braço.

O Facundo obedeceu.

Deitou a pata ao outro braço do major Rodrigues, e o major não se foi abaixo; ficou suspenso no ar pelas valentes mãos dos dois aguadeiros da bica do Soccorro.

— Agora veja lá se anda, disse o Quim.

— Não posso andar, respondeu logo o major.

— Pode tal: faça a diligencia.

— Não posso, já disse.

— Ora experimente.

E voltando-se para os dois gallegos.

— Amparem-lhe bem os braços e deem uns passinhos, disse o Quim dirigindo as manobras.

— Bae! disseram em *duo* os dois gallegos dando um passo com o major suspenso pelos braços.

— Não vae nada! declarou desanimado e terminante o major.

— Ao menos até ali áquelle barbeiro, disse o Quim, para se sentar n'uma cadeira e vêr então o que é isso e o que se hade fazer.

— Nem um passo posso, disse o major.

— Bom, então levem-n'o ao collo, ordenou o Quim.

Os dois gallegos pegaram em charolla no major e levaram-n'o para a loja do barbeiro da Mouraria, seguidos pela enorme multidão que se agglomerara a ver o caso.

O barbeiro recebeu amavelmente o enfermo e deixando os queixos d'um freguez que elle estava escanhoando, veio logo prestar os seus serviços ao major Rodrigues.

— Não haverá aqui perto um medico, indagou o Quim.

— Não, não é preciso medico, eu cá estou, que tambem entendo d'isto, disse o barbeiro approximando-se do major.

Puchou-lhe as pernas.

O major soltou dolorosos *Ais!* e depois o barbeiro disse com ares superiores d'um conhecedor profundo!

— Bem, já sei o que é!

— E' coisa de cuidado?

— Não, passa já.

E foi lá dentro, á sua casa.

D'ali a nada voltou com um vidrinho cheio de sanguesugas.

— O que é isso? perguntou o major aterrado, olhando para o vidro.

— São bichas?

Bichas! Para que?

— Bichas para lhe deitar.

— Nada, nada, isso é que não, não consinto, protestou o major.

(Continúa.)

Gervasio Lobato

REVISTA POLITICA

Desde a nossa ultima revista até ao momento em que escrevemos estas linhas, a situação politica pouca alteração offerece nas suas manifestações, que esclareçam o paiz sobre o estado da questão, o que não quer dizer que o relativo silencio do governo tenha tranquilisado o paiz, e o tenha feito descurar o firme proposito em que está de se rehabilitar da incuria em que por tão largos annos tem jazido.

Infelizmente, porém, para essa rehabilitação, já a politica partidaria se tem introduzido arteiramente no meio das santas aspirações patrioticas, querendo cada qual chamal-as para o seu gremio ou malquistal-as entre si, se as não podem aproveitar.

A occasião não pode ser mais avêssa para estas especulações de politica cazeira, mas nem por isso este velho e condemnavel vicio tem podido resistir á tentação.

N'esta occasião solemne em que só deviam haver portuguezes para defenderem os direitos e a dignidade da patria, é preciso suppôr um meio muito corrupto, para haver quem dê notas discordantes n'este concerto nacional, e o que mais admira é que o desaccordo venha principalmente dos que prepararam a triste situação que atravessamos.

Que sejam os republicanos, ou outra qualquer parcialidade criada á ultima hora entre a efervescencia popular, que venham oppôr as suas idéas e fazer as suas censuras ao poder constituido, não deve surprehender embora tenha de se condemnar, mas que o partido que deixou o governo por já não poder arcar com as difficuldades que creara, venha censurar, venha difficultar, venha exacerbar os animos mais do que elles já estão, tente arrastar emfim o paiz á desordem, é um procedimento que a dignidade da nossa linguagem nos inhibe de classificar.

Esta monstruosidade da politica indigena está-se exhibindo em face da patria ultrajada, por aquelles que não a souberam livrar d'esse ultraje!

Se não tivessemos aqui que relatar os factos criticando-os com a imparcialidade e desassombro de que felizmente pedemos fazer uso, não nos occupariamos d'estas pequenas miserias que n'este momento tanto avultam aos olhos do paiz e que tão funestas podem ser.

Antes queriamos ter que louvar a attitude digna de todos em presença das difficuldades que assoberbam a patria; antes queriamos applaudir a união de todos em defeza da causa commum, porque d'ahi resultaria a nossa força, a nossa victoria.

No meio, porém, d'estas discordancias, o paiz tem o senso e a dignidade precisas para não se deixar influenciar pelos especuladores, e reconhece a necessidade que tem de dar força ao governo para que este possa governar.

Por toda a parte se levantam os protestos contra o attentado da Inglaterra sem que arrefeça a alma nacional no seu proposito de se desafrontar, e emquanto o povo trabalha n'este santo empenho, o governo cuida em regular as negociações com a Inglaterra, no sentido de fazer bom o artigo 12.º da conferencia de Berlim que estabelece a arbitragem.

Para essas negociações nomeou o governo o sr. Barjona de Freitas para ministro de Portugal em Londres, em missão especial para este fim, e a escolha que fez, foi em geral bem acceite, porque todos conhecem o valor d'este estadista e a sua capacidade para tão melindrosa commissão.

Ao mesmo tempo o governo trata de dirigir ás potencias signatarias da conferencia de Berlim, uma circular, expondo a questão e pedindo a sua intervenção para o cumprimento do artigo 12.º da mesma conferencia.

Tudo leva a crêr que serão empregados por parte d'aquellas potencias os meios diplomaticos para que a Inglaterra acceite a arbitragem, assim como tudo leva a crêr que a Inglaterra procure evital-a porque bem sabe quanto exhorbitou e quanto o seu procedimento foi desleal.

Não póde, portanto o paiz tranquilisar-se com esta perspectiva, e precisa preparar-se para o que possa sobrevir na defeza dos seus direitos, tão traiçoeiramente sequestrados pela Inglaterra.

Tambem d'isto cuidou o governo, porque se annuncia para amanhã a publicação no Diario do Governo, de um decreto dictatorial, provendo á defeza nacional, organisação de forças e armamento de mar e tarra.

Com este decreto sahiram tambem as medidas economicas destinadas a fazer face á despeza e contando para isso tambem com a subscripção nacional, que se está promovendo no paiz.

Para essa subscripção, que já sobe a importante quantia, pois se tem ramificado por todo o paiz, subscreveu a camara Municipal de Lisboa com rs. 100:000$000 para o que faz um emprestimo nacional de titulos de 10$000 rs. amortisaveis em cincoenta annos.

A familia real tambem já subscreveu com importantes donativos, offerecendo El-rei 40:000$000, a rainha D. Amelia 20:000$000, a rainha D. Maria Pia 20:000$000 e o infante D. Affonso 5:000$000

Estes donativos que vem engrossar a subscripção nacional, vem tambem augmentar a sua significação, mostrando que desde o palacio do rei até ao tegurio do pobre, o mesmo sentimento anima a alma de todos os portuguezes para a defeza da patria

Em uma outra defeza é tambem mistér que se pense praticamente é o desenvolvimento da nossa industria e emancipação, quanto possivel, da importação estrangeira.

Esta defeza não é menos proficua do que aquella, é mesmo a que nos dá os elementos para a sustentar. *João Verdades.*

ALGEMAS APPREHENDIDAS NA ALFANDEGA DE QUELIMANE, COM DESTINO AS MISSÕES INGLEZAS DE BLANTYRE

RESENHA NOTICIOSA

O Vapor «Affonso XII». — Entrou ha dias no Tejo este magnifico vapor pertencente á Companhia Transatlantica Hespanhola, a qual tem estabelecidas differentes carreiras entre os portos de Hespanha e da America India e Africa. Esta companhia propõe-se a que alguns dos seus vapores façam escala pelo porto de Lisboa, e porisso o vapor *Affonso XII* veio ao Tejo, tendo o sr. D. Nicolau Goyri, digno representante da Companhia em Lisboa, convidado a imprensa a visitar este magnifico paquete em a noite de 7 do corrente.

O *D. Affonso XII* é um dos melhores vapores que tem vindo ao nosso porto, e sentimos que nos falte o espaço para fazermos uma descripção minuciosa d'este bello barco.

A sua machina é da força de 4:500 cavallos e de triplece expanssão, com o andamento medio de 15 milhas por hora. Tem 5;206 toneladas e mede 128 metros de popa á proa entre prependiculares, 14 de bocca e 11 de pontal. Tem 460 focos de luz electrica de 16 luzes cada um.

Na 1.ª classe tem logares para 160 passageiros na 2.ª para 50 e na 3.ª para 1390.

Todo o interior é luxuosamente decorado, offerecendo todas as commodidades.

A bordo foi offerecido aos convidados uma opipara refeição e o mais delicado acolhimento.

Agradecemos o convite que recebemos para esta brilhante festa.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Memoria Historico-Economica sobre os Correios da India Portugueza.—Assim se denomina um interessantissimo estudo que temos á vista e que acaba de obsequiosamente nos ser offerecido pelo seu auctor. E' uma monographia, de cento e trinta e tantas paginas, habilmente escripta pelo sr. José Antonio Ismael Gracias, contendo a origem, organisação e modificações que tem soffrido o serviço do correio na India Portugueza desde a conquista de Gôa por Affonso d'Albuquerque, em 25 de novembro de 1510 até ao presente. Este magnifico trabalho que revela um estudo acurado e aturada investigação pelos velhos archivos da India, foi elogiado em portaria de 12 de agosto de 1887, data em que pouco mais ou menos se recebeu o manuscripto no ministerio das obras publicas, commercio e industria.

Parece que o governo teve n'essa epoca desejos de publicar uma memoria historica dos correios ultramarinos dirigindo por essa occasião uma circular a todos os governadores geraes das nossas provincias do ultramar, requisitando-lhe esclarecimentos n'esse sentido. Governava então os estados geraes da India o conselheiro A. C. Cardozo de Carvalho, que apreciando devidamente as especiaes aptidões do sr. Ismael Gracias, chefe de secção da sua secretaria, o incumbio d'essa espinhosa tarefa.

Os resultados excederam toda a espectativa, e a monographia escripta pelo habil funccionario, apresenta inapreciavel valia historica, pelas curiosas noticias que apresenta sobre a instituição do correio na India e os tramites que passo a passo foi seguindo, nas suas organisações e desenvolvimento.

O sr. conselheiro Guilhermino de Barros, esclarecido director geral dos correios e telegraphos do reino, transmittiu em nome de el-rei ao sr. Ismael Gracias o louvor de que o distincto investigador se tornava digno pelo zelo, illustração e bom criterio que havia posto no consciencioso desempenho do trabalho que lhe havia sido commettido.

A *Memoria Historico-Economico*, que é um pequeno livro in-4.º de 135 paginas e alguns mappas estatisticos; sahiu da Imprensa Nacional de Nova Gôa, e é um trabalho que honra tanto o auctor como o estabelecimento onde foi composto e impresso.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES